

USO DE DROGAS ILÍCITAS SOB O OLHAR DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz¹

Andréia Sandr²

Marli Maria Loro³

Cleci de Lourdes Schmidt Piovesan Rosanell³

Aline Neli Bernat⁴

Joseila Gomes Sonogo⁵

RESUMO

Apreender a concepção da equipe de enfermagem acerca dos fatores que induzem ao uso de drogas ilícitas. Pesquisa qualitativa, descritiva. A amostra é composta por seis profissionais de enfermagem que atuam com dependentes químicos em um hospital do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Dados obtidos pela entrevista semi-estruturada. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unijuí (nº 054/2010). Uma categoria analítica que versa acerca da percepção de que a dependência é influenciada pelo contexto familiar e sociocultural, constituindo-se em fuga das dificuldades cotidianas. Igualmente, emergiram sentimentos de medo e apreensão. O desconhecimento dos profissionais e a não adesão ao tratamento pelo dependente desestimulam investimentos da equipe de enfermagem. Os resultados podem contribuir com profissionais, pesquisadores e estudantes da área de saúde e educação com vistas a desenvolverem ações de prevenção e melhor assistência aos dependentes.

Palavras-chave: Dependência química; Enfermagem; Concepção.

¹ Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela Unifesp/SP, Docente do Departamento de Ciências da Saúde (DCSa) da Unijuí. Email: adriane.bernat@unijui.edu.br.

² Enfermeira do Hospital de Caridade de Ijuí (HCI), Graduada pela Unijuí.

³ Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela Unifesp/SP, Docente do DCSa da Unijuí

⁴ Acadêmica do Curso de Farmácia, da Universidade Regional Integrada (URI)

⁵ Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Docente do DCSa da Unijuí.

INTRODUÇÃO

Droga é toda e qualquer substância que possui a capacidade de atuar sobre um ou mais sistemas do organismo, produzindo alterações em seu funcionamento; seu problema não está tanto em seu uso, mas sim no abuso, o que pode levar à dependência. Esta é definida como um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso repetitivo de uma substância psicoativa, associado ao desejo impulsivo de consumir a droga e a dificuldade em controlar seu uso (Conen 2001).

O consumo de drogas está cada vez mais frequente em nossa sociedade. Tornando-se problema de saúde pública devido à gravidade dos problemas associados ao uso abusivo.

O uso de drogas é atribuído pelos jovens como possibilidade de fuga das dificuldades e de satisfação plena, isto faz com que o uso se mantenha, bem como intensifica-se. A satisfação é ilusória e passageira, na medida em que o prazer proporcionado tende a desaparecer, dando lugar a sensações desprazerosas e, como consequência, induz ao sofrimento, fator responsável pelo processo de toxicomania. Assim, é caracterizada como doença a qual leva a autodestruição inconsciente do dependente (Lima et al 2008).

Nesse contexto, cabe a equipe de enfermagem conhecer as necessidades individuais e coletivas desses sujeitos, bem como constituir-se em elo entre família e comunidade na perspectiva de desenvolver atividades consistentes, embasadas no diagnóstico de saúde.

Destaca-se a importância do conhecimento do profissional da enfermagem, que visem identificar crenças individuais em relação ao uso e abuso de drogas, uma vez que, podem manifestar-se por meio de comportamentos e abordagens inadequadas no cuidado.

Cuidar é algo que vem sendo aprimorado ao longo dos tempos deixando de ser sinônimo de assistir/prestar ajuda. Já para Spricigo (2003) é co-

nhecer a história do dependente, sua trajetória, sonhos, desejos, crenças e descrenças, valores, saberes, expectativas e reconhece-lo como sujeito.

Nesse contexto, é fundamental a inserção da equipe de saúde, em especial da enfermagem, com vistas ao enfrentamento dos problemas, embasada no conhecimento acerca da promoção, prevenção e reabilitação da dependência. Nesta lógica, é imprescindível visão holística, na perspectiva de enfrentamento adequado à situação.

Considerando este contexto identifica-se carência de trabalhos acadêmicos os quais abordam concepções do uso de droga no entendimento da equipe de enfermagem. Sendo assim a pesquisa pode contribuir com subsídios na perspectiva de instrumentalizar equipes de enfermagem no manejo adequado a dependentes químicos.

Diante deste cenário a pesquisa objetivou apreender a concepção da equipe de enfermagem, que atua em um hospital do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, acerca dos fatores que induzem ao uso de drogas ilícitas.

MÉTODO

Estudo é de natureza qualitativa, descritiva, realizado em um hospital geral do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/ Brasil. A amostra do estudo é composta por seis profissionais de enfermagem que atuam no referido hospital. Os critérios de inclusão foram: aceitar voluntariamente fazer parte da pesquisa, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, ser maior de 18 anos e fazer parte da equipe de enfermagem. Os sujeitos foram identificados com a letra E, seguida do número correspondente à ordem sequencial das entrevistas.

Em relação à caracterização dos sujeitos do estudo, duas são enfermeiras, três são técnicos de enfermagem e um é auxiliar de enfermagem. Destes, quatro são do sexo feminino e dois do masculino. A faixa etária variou entre 26 a 59 anos. Quanto ao estado civil quatro eram solteiros, um casado e um divorciado. No que se refere à escolaridade,

quatro relataram ter cursado o ensino médio, dois ensino superior. Cabe destacar, que dentre os entrevistados, nenhum possuía formação específica em dependência química, apenas relataram participar de palestras sobre o tema. Dos entrevistados quatro relataram que possuem dois empregos, e em relação ao tempo que trabalham com dependentes, variou de 09 meses a 07 anos.

A análise dos dados seguiu os passos metodológicos preconizados por Minayo (2007), ou seja, ordenação, classificação e análise final. Resultaram em duas categorias de análise sendo que neste manuscrito será descrita somente a primeira categoria. Os preceitos éticos foram respeitados conforme preconiza a resolução 196/96 e o projeto obteve aprovação pelo comitê de ética da Universidade Regional Integrada (Unijuí) mediante parecer substanciado nº054/2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concepções da equipe de enfermagem acerca do uso de drogas

Ao analisar os dados obtidos observa-se que em detrimento ao uso de drogas emergem situações conflitantes, bem como problemas de interações familiares, entre eles destaca-se a dificuldade em incluir a família no processo de cuidar. Segundo Schenker e Minayo (2004) a família é entendida como instituição privada e sua estruturação pode influenciar na forma como o indivíduo reage frente à oferta de drogas na sociedade. O papel de socialização, desempenhado pela família, ocorre por meio da inserção de seus membros na cultura e na instituição das relações primárias estabelecidas desde a infância, serve tanto como fator de proteção quanto como fator de risco, de forma particular para cada membro que a compõe.

No discurso dos sujeitos observa-se que suas percepções em relação ao uso de drogas está relacionado como uma forma de fuga de seus problemas, os quais podem sua origem na infância, conforme alocações.

(...) É uma fuga. Fugas deles próprios, tipo aceitação, que não são aceitos pelas famílias, tem uma vida horrível, a história da maioria deles é bem triste, e quando você começa conviver com eles entende o porquê de entrarem na dependência que é tudo uma fuga (...). (E 4)

(...) Acho que é uma Fuga, procuram por algo que faltou desde a infância, começando no ambiente familiar, falta de atenção, falta de tempo dos pais (...). (E5)

Quando não há suporte familiar estruturado, o adolescente poderá buscar, eventual ou sistematicamente, no uso de drogas, uma resposta para seus problemas. Para o autor na em que medida os sujeitos sentem-se confusos e frágeis, em situações que impõe mudanças de papéis sociais, relacionados às fases da vida, o enfrentamento de realidades adversas, bem como a dificuldade em aceitar regras e padrões impostos pela organização social, podem constituem-se em elementos desencadeadores da busca pela droga.

Outro fator que relaciona-se ao uso de droga na voz dos depoentes caracteriza-se pela a falta de interação entre pais e filhos, desde a infância representada pela falta de diálogo, tempo e atenção dos pais.

(...) está relacionada com a estrutura familiar que, muitas vezes, encontra-se abalada; a busca da droga é considerada uma fuga e uma forma de fugir dos problemas da vida. (...).Falta de tempo dos pais.(E1)

Segundo Schenker e Minayo (2004) o uso de drogas é uma forma de tentar superar as situações problema na vida. Assim, cabe a família prestar suporte para o desenvolvimento saudável dos seus membros. Igualmente, a escola e o grupo de amigos podem contribuir com o uso de drogas, principalmente na fase de transição da infância para a adolescência.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem menor risco de uso de drogas o indivíduo pertencente à família bem integrada, nela mesma e na sociedade. Os fatores protetores relacionam-se a informação, qualidade de vida, difícil acesso às drogas, conviver em um lar harmônico, receber alerta

precoce dos pais, associado à observação clara dos danos físicos e morais decorrentes do envolvimento com as drogas de outrem.

No contexto familiar esses elementos de risco repercutem contribuindo para os conflitos entre seus membros fato que altera proporcionalmente a dinâmica de relacionamento entre eles.

Em um estudo realizado por Schenker e Minayo (2004) a família apareceu como co-autora, tanto do surgimento do abuso de drogas quanto como instituição protetora, para a saúde de seus membros. Além disso, o estudo mostra que o uso indevido ou abusivo de drogas se dá, geralmente, na adolescência, sendo esses comportamentos multideterminados, incluindo-se, aí, vivências de situações de risco tais como delinqüência, precocidade nas atividades sexuais e abandono dos estudos, entre outros.

O contato com a droga na percepção dos sujeitos relaciona-se a curiosidade e ao prazer e assim, desencadeia-se a dependência química (DQ).

(...) Iniciam pela curiosidade, eles entram na conversa dos amigos para ver como é, e para sentir aquele prazer. É uma novidade, e quando usam uma vez vão querer sempre, eles não se sentem pessoas doentes, acham que não precisam ajuda, e assim ficam mais dependentes. (E2)

A curiosidade em experimentar algo novo e diferente, aliada ao valor do grupo de amigos, tem uma importância factível na vida dos adolescentes. O grupo pode configurar-se em fator de risco pela tolerância e aprovação ao uso de drogas demonstrados pelos mesmos. Outeiral (1999) vem ao encontro salientando que o início do uso de substâncias químicas pode ocorrer por curiosidade e influência dos amigos. Também, como uma tentativa de aliviar sofrimento gerado na transição da infância para a adolescência, bem como por problemas relacionados com a família.

Nesse contexto, os sentimentos pessoais podem ser usados como justificativa para o início do uso de drogas, situações individuais ou familiares mal resolvidas na infância permanecem durante a adolescência e parecem aflorar com mais intensidade, a partir disso o jovem pode considerar o uso de drogas um meio possível, apesar de inadequado para o alívio dessas tensões.

O consumo de drogas pode-se iniciar pela influência do ambiente, da comunidade e espaço social em que vivem quer seja o ambiente determinado pelas amizades e círculo próximo.

Já Rigoni, Oliveira e Andretta (2006) afirmam que os fatores de risco que mais influenciam os adolescentes e favorecem a experimentação de substâncias psicoativas e o uso dependente são: a curiosidade natural dos adolescentes, impulsionando-os a experimentar novas sensações e prazeres; a opinião de amigos, modismo, fácil acesso às drogas e oportunidade de uso, bem como o ambiente propício para a experimentação de drogas. Fato este confirmado pelos depoentes.

(...) *Se trata de uma doença psíquica que leva a mudança de comportamento, atitudes, afetando o organismo causando conseqüências físicas, psicológicas e emocionais (...).*(E6)

A OMS classifica a dependência de drogas entre os transtornos psiquiátricos caracterizada como um estado mental e físico, que resulta da interação entre um organismo e uma droga, o que gera compulsão por fazer uso da substância e experimentar seu efeito. (Aguilar e Pillon, 2005).

A característica primordial da DQ corresponde à presença de um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, os quais evidenciam que o indivíduo continua a utilizar uma determinada substância, apesar dos problemas significativos relacionados à mesma. Sendo assim, existe um padrão de auto-administração repetida, o qual geralmente resulta em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo de consumo da droga.

A DQ, atualmente, inclui-se na Classificação Internacional de Doenças (CID 10), na categoria de Transtornos Mentais e de Comportamento, sendo um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substâncias alcança uma prioridade substancial para um indivíduo em detrimento a outros comportamentos.

Em relação a esses aspectos, o uso freqüente de drogas causa prejuízos na elaboração de idéias e no juízo crítico. Salienta também, que os dependentes encontram-se em situação de risco, uma vez que, a droga desencadeia alterações no organismo.

(...) Considero a Dependência uma doença que causa alterações de comportamento e danos irreversíveis ao organismo (...). (E3)

Para Kaplan, Sadock e Grebb (2003) o uso de substâncias químicas pode desencadear diversas alterações biológicas no organismo do indivíduo dependente, isso em função da morte de células nervosas as quais impõe conseqüências como à síndrome de déficit de atividade nervosa, a qual compreende a diminuição ou interrupção da atividade motora, diminuição ou perda da capacidade cognitiva, passividade, indiferença, apatia, isolamento, além de diminuição das defesas do organismo e infecções.

Outro risco do uso de drogas injetáveis se refere a possibilidade da contaminação como pelos vírus das hepatites, abscessos subcutâneos, tétano, síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), entre outros. Além disso, algumas drogas (opiáceos) podem produzir imunodepressão, aumentando a vulnerabilidade a outras doenças. Os autores alertam em relação overdose nos dependentes de opiáceos (heroína) ou cocaína, por via endovenosa, quando injetam altas doses após um período de abstinência e, no caso dos consumidores crônicos, os quais desenvolveram tolerância, pode levar a morte por depressão respiratória.

Leite (1999) enfatizam que o uso crônico de drogas pode levar à destruição de neurônios causando danos irreversíveis ao cérebro, assim como lesões no fígado, rins, nervos periféricos e medula óssea. Outro efeito ainda pouco esclarecido dessas substâncias é sua interação com a adrenalina, a qual aumenta o risco em causar arritmias cardíacas, o que pode provocar morte súbita.

A partir do exposto, cabe salientar, que na visão dos depoentes, o uso de drogas se estabelece em detrimento das relações do indivíduo desde a infância com a família, amigos, escola, comunidade, entre outros. Enfatizam os conflitos de relacionamento familiar, uma vez que, a família constitui-se em base inicial para os demais relacionamentos e influência de modo relevante no comportamento dos seus integrantes. Também, alocutem acerca da busca pela droga como forma de fuga, prazer, curiosidade e para sentir-se integrado ao grupo de iguais assim

como percebem-na como um doença psíquica. Nesse contexto, os profissionais entrevistados enfatizam o mencionado na literatura, ou seja, a importância da família no desenvolvimento do indivíduo.

CONCLUSÕES

As causas da iniciação às drogas e a manutenção do uso tem sido objeto de diversas opiniões que por si só demonstram a complexidade desse fenômeno. Múltiplos e diferentes enfoques são utilizados na literatura, bem como pela equipe de enfermagem.

Os resultados da pesquisa vão ao encontro da literatura, a qual relaciona o uso de drogas a múltiplos fatores. Ao analisar as informações dos sujeitos do estudo percebe-se que as concepções acerca do uso de relaciona-se a fuga de problemas, lacunas na estrutura familiar, curiosidade, influência de amigos, busca de prazer, transtorno mental e outros fatores de âmbito individual e social.

Diante dos achados cabe a equipe de enfermagem ampliar o olhar aos motivos que levam os indivíduos a fazer uso de drogas ilícitas na perspectiva de poder contribuir com a sociedade com ações preventivas, bem como ofertar um cuidado adequado aos indivíduos usuários de drogas extensivo aos seus familiares.

REFERÊNCIAS

1. AGUILAR, L.R.; PILLON, S.C. Percepción de tentaciones de uso de drogas personas que reciben tratamiento. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. V.13, n.1, p.790-7, 2005.
2. CONEN. Diretrizes para Implantação e Funcionamento de Conselhos Municipais Antidrogas. SC, 2001.
3. KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.; GREBB, J.A. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

4. LEITE, M.C. Aspectos básicos do tratamento da síndrome de dependência de substâncias psicoativas. 1º ed. – Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 1999. Série Diálogo; 3.
5. LIMA, I.S.; PALIARIN, M.M.; ZALESKI, E.G.F.; ARANTES, S.L. História oral de vida de adolescentes dependentes químicos, internados no setor de psiquiatria do hospital regional de Mato Grosso do Sul para tratamento de desintoxicação. SMAD Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. v.4, n.1, 2008.
6. MINAYO, M.C.S. Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade. 18. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
7. OUTEIRAL, J. DROGAS: Uma conversa difícil, necessária e urgente. São Leopoldo: Sinodal. 1999
8. RIGONI, M.S.; OLIVEIRA, M.S.; ANDRATTA, I. Conseqüências neuropsicológicas do uso da maconha em adolescentes e adultos jovens: uma revisão da literatura científica recente. Ciências & Cognição. v. 3, n.8, p.118-27 –2006.
9. SCHENKER, M.; MINAYO, M.C.S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. Cadernos de Saúde Pública. v.20, n.3, p. 649-59, 2004.
10. SPRICIGO, J.S.; ALENCASTRE, M.B. O enfermeiro de unidade básica de saúde e o usuário de drogas. Revista Latino-Americana de Enfermagem. v.12, n.spe, p.427-32, 2004.